

- XIII -

REPENSANDO ESPAÇOS: A SALA DE AULA E OS AMBIENTES DE APRENDIZAGEM

Gabriela Ucoski da Silva

Colégio Nossa Senhora da Glória – Brasil
gabriela.ucoski@hotmail.com

No meio acadêmico e escolar, têm sido crescentes as discussões e as reflexões sobre as práticas pedagógicas e os ambientes escolares. Frente às rápidas mudanças observadas — nas interações sociais, no avanço das tecnologias digitais, advento de uma nova geração —, a necessidade de repensar constantemente as práticas pedagógicas e os tradicionais espaços de aprendizagem tornou-se imprescindível.

Para Win Veen e Bem Wracking (2009), a geração conhecida como *Homo Zappines* já nasceu inserida no mundo virtual e cresceu usando múltiplos recursos tecnológicos desde a infância, interessando-se, ainda, por atividades que envolvam participação efetiva. Portanto, diante dessa perspectiva, o questionamento que se faz presente, e que é o objetivo deste trabalho, gira em torno da seguinte problemática: como deve ser o formato das salas de aula para trabalhar essa realidade?

Percebe-se que o espaço tradicional de aprendizagem é limitador quando se pensa em diferentes práticas pedagógicas. Ao mesmo tempo, a sala de aula é um local de trocas, de vivências, onde ocorre mais intensamente a interação professor-aluno. É nela que experiências são compartilhadas, em que ensinante e aprendente interagem e aprendem mutuamente, pois ambos são sujeitos ativos no processo de ensino-aprendizagem. (MUNSBURG; FELICETTI, 2014)

Assim, dada a sua importância, é fundamental repensar tal estrutura para atender às demandas atuais e para, sobretudo, significar o lugar dessa interação, a fim de que os alunos, juntamente aos professores, sintam prazer e curiosidade pelos estudos e desenvolvam autonomia para, também, serem os agentes do próprio ensino.

Inicialmente, inúmeras possibilidades surgem visando alterar o espaço tradicional da sala de aula para torná-la flexível às atividades propostas. Muitas consideram realizar uma mudança profunda na estrutura física dos ambientes escolares, o que torna o objetivo difícil de ser alcançado, já que nem sempre essa é uma opção viável: impossibilidade de mudança na estrutura física dos prédios (às vezes, por resistência ao novo) e orçamento limitado são as mais frequentes.

Entretanto, ao longo do ano letivo de 2017, no Colégio Nossa Senhora da Glória, atividades nos diferentes componentes curriculares foram realizadas com o propósito de descobrir novos formatos de sala de aula sem que houvesse alterações físicas. Para ilustrar, relata-se a prática desenvolvida em História

com alunos do Sétimo Ano do Ensino Fundamental. Para isso, partiu-se da premissa de Moran, que afirma:

A sala de aula se amplia, dilui, mistura com muitas outras salas e espaços físicos, digitais e virtuais, tornando possível que o mundo seja uma sala de aula, [...], que em qualquer tempo possamos aprender e ensinar, que todos possam ser aprendizes e mestres, simultaneamente, [...], enriquecendo-se mutuamente. (MORAN, 2014)

Usando-se de tecnologia digital, a proposta de trabalho concentrou-se em uma visita virtual à Grande Mesquita Xeiq Zayed, localizada em Abu Dhabi. Com o óculos de realidade virtual, os alunos puderam experimentar novas vivências e interagir com o objeto de estudo mais ativamente, ainda que em um ambiente produzido por cálculos computacionais complexos. (WUNSCH; RICHTER; MACHADO, 2013)

Após a visita virtual, os alunos realizaram pesquisas sobre o local com a finalidade de estudar e de conhecer aspectos da cultura muçulmana. O trabalho culminou com a elaboração de contos ambientados na Mesquita e com o envolvimento da Língua Portuguesa, em cujas aulas os alunos receberam orientações quanto ao encadeamento das ideias dentro das escolhas narrativas.

Nesse processo, outros ambientes destacaram-se: a própria sala de aula, modificada para permitir a experiência da realidade virtual, e os espaços externos da escola, onde os alunos puderam se agrupar e elaborar suas narrativas: cantina, pátio aberto e saguão transformaram-se em sala de aula. A atividade buscou estimular o interesse pela leitura e o aprimoramento da habilidade da escrita, a partir da percepção despreendida de rótulos dos estudantes quando em contato, de modo inusitado, com os conteúdos programáticos. Acredita-se que o prazer pela leitura e, conseqüentemente, pela escrita surja com maior intensidade e eficácia a partir do momento em que a imaginação e a subjetividade são vistas e respeitadas como fio condutor. Ao encontro disso, segundo Muniz e Martínez (2015),

[...] a aprendizagem escolar não pode ser representada apenas pela dimensão cognitivo-reprodutiva, mas como um processo subjetivo evidenciado pela produção simbólico-emocional, em que o próprio aprendiz se envolve na sua condição ativa, intencional, que implica um posicionamento próprio e singular no processo de aprender. Essa possibilidade de atuação ativa refere-se à consolidação de espaços próprios, em que as produções subjetivas dinamizam o caráter confrontador do sujeito diante de suas experiências. (apud GONZÁLEZ REY, 2003, 2011a)

Conectada a essa experiência, pensa-se que a sala de aula não precisa ser fixa, estática. Ela pode, e deve, ser um espaço de início e/ou finalização de atividades; momentos de reencontros intelectuais e afetivos; troca de experiências, vivências, pesquisas; ponto de encontro para dúvidas, ajustes, análises (MORAN, 2013). Não o local central em que se faz a experiência de ensino-aprendizagem, mas uma opção extra nesse processo. Nessa perspectiva, e com base nas vivências relatadas, intensificou-se a percepção defendida por José Moran ao afirmar em seus estudos que:

[...] mesmo quando estamos num espaço convencional como a sala de aula, podemos modificar o que acontece nela: a utilização do espaço de diversas formas, a diversificação de atividades [...], as analógicas e as digitais, as de profunda interação física e as de profunda interação virtual. (MORAN, 2014)

Em meio a tantas mudanças, o uso de tecnologias, os jogos, a descentralização do professor, os momentos de descontração e a interação entre aluno e professor são os caminhos a serem percorridos. De acordo com Moran (2014), “Se mudamos como aprendemos a sala de aula, esta nunca será mais a mesma (mesmo quando não muda de lugar)”. Não há um modelo a ser seguido ou uma regra a ser respeitada, tampouco será (e já está sendo) um processo fácil. Portanto, para que a inovação aconteça, devem ocorrer a desacomodação - iniciando pela consciência de que é necessário mudar e qualificar-se, a fim de manter a capacidade de analisar as transformações educativas (NUNES; OLIVEIRA, 2017) - e a criação.

Referências

MORAN, José. **Novos modelos de sala de aula**. Revista Educatrix, n.7. Editora Moderna, 2014.

Disponível em: <https://www.moderna.com.br/educatrix/>

_____. **Os novos espaços de atuação do professor com as tecnologias**. In: MORAN, José; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda A. “Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica”. São Paulo: Papirus, 21ª ed, 2013.

MUNSBERG, J. A. S.; FELICETTI, Vera Lucia. **A Sala de Aula como Espaço de formação Mútua dos Sujeitos**. In: 6º Encontro Internacional da Sociedade Brasileira de Educação Comparada, 2014, Bento Gonçalves. Processos de Privatização da Educação. Porto Alegre: ediPUCRS, v. 1. p. 1-13, 2014.

MUNIZ, L. S.; MARTÍNEZ, A. M. **A expressão da criatividade na aprendizagem da leitura e da escrita: um estudo de caso**. São Paulo: EDUCAÇÃO E PESQUISA, v. 41, n. 4, p. 1039-1054, out./dez. 2015.

NUNES, C. P.; OLIVEIRA, DALILA ANDRADE. **Trabalho, carreira, desenvolvimento docente e mudança na prática educativa**. São Paulo: EDUCAÇÃO E PESQUISA, v. 43, p. 65-80, 2017.

VEEN, W.; VRAKKING, B. **Homo Zappiens: educando na era digital**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

WUNSCH, L.P.; RICHTER, A. P. H.; MACHADO, M. H. P. **Realidade virtual: apoio para a prática contextualizada e interdisciplinar na educação básica.** In: Educere: Formação de Professores, contextos, sentidos e práticas. Curitiba: EDUCERE, 2017.